



Taxa Paga
Portugal
Contrato 536425

Correio
Editorial

Autorizado a circular
em invólucro fechado
de plástico ou papel.
Pode abrir-se para
verificação postal.

DE0042018AN



Gaiato

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

19 de Janeiro de 2019 • Ano LXXV • N.º 1953
Quinzenário • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Moçambique

A nossa Casa do Gaiato de Maputo, como referi na penúltima edição d'O GAIATO, não está neste momento a ser dirigida pela nossa Obra. Através de manipulações ilegais na revisão dos Estatutos, que remontam a 2014, só constatadas por nós no ano passado, foi-nos retirada toda a responsabilidade na direcção dessa Casa do Gaiato.

Pessoas estranhas ao seu quotidiano funcionamento, foram enquadradas pelo nosso Padre José Maria nos órgãos sociais da Associação em que se constituía formalmente a Casa, com o nome de Associação Obra da Rua – Casa do Gaiato de Maputo. A colaboração dessas pessoas presumia-se desinteressada, segundo o espírito que Pai Américo implementou na nossa Obra. Ao invés, o que se verificou a partir da referida revisão dos Estatutos, foi que passaram a assumir posições de poder, como pudemos começar a constatar em 2018. Nas irregularidades que cometeram a partir de 2014, não lhes faltou a colaboração da senhora Quitéria Paciência Torres, por nós habitualmente tratada por Ir. Quitéria, acabando por reduzir a presença da Obra da Rua nessa Casa a uma mera função decorativa, lugar que nunca poderá ser o nosso, visto caber-nos uma responsabilidade fundamental na fundação das Casas e na vida das mesmas.

Ainda desconhecedores da trama que envolveu a Casa do Gaiato de Moçambique desde 2014, enviámos lá o nosso Padre Rafael, em Fevereiro de 2018, para procurar manter contactos com todas as pessoas ligadas à Casa e resolver a inexistência de um padre nessa Casa que assumisse a sua Direcção, correspondendo ao que nos vinha sendo pedido pela Igreja Local. A nossa ideia era que Padre Rafael iria acumular com a Direcção da Casa do Gaiato de Malanje, pelo mínimo tempo possível, até que o novo padre que a Providência divina nos enviara em Janeiro, o Padre Fernando, tivesse condições para assumir esse encargo definitivamente. O primeiro sinal de que algo estava errado, foi dado quando a Associação não aceitou a nossa indicação do Padre Rafael como Director da Casa, mas exigiu que fosse ela mesma a propor o Director, baseando-se na revisão dos Estatutos que, nessa parte, constatamos depois da ida em Maio para Maputo do nosso Padre Fernando, terem nela sido cometidas ilegalidades.

Quando em Outubro estivemos os três padres referidos, em Maputo, para conduzir o Padre Fernando na Direcção da Casa, tivemos a recusa repentina da senhora Quitéria Torres e seus colaboradores directos, dos membros dos órgãos sociais da Associação e da própria Assembleia Geral que, para além desse tipo de comportamento, aprovou uma nova revisão aos Estatutos, a qual aumentou ainda mais o fosso entre a Obra da Rua e a mesma Associação.

Por tal motivo, só nos restava ausentar-nos de todas estas pessoas, apesar de as mesmas terem procurado inocentar as suas posições com arranjos que nunca poderiam ter a nossa concordância, como o convite que nos fizeram para concorrermos aos órgãos sociais da Associação. A Obra da Rua não é candidata a qualquer tipo de eleição, embora seja mais democrática que os que criam as leis para se defenderem e promoverem.

Apesar dos condicionalismos locais e da distância que nos separa, estamos presentemente a ponderar formas de repor a legalidade na vida dessa nossa Casa.

A todos os nossos Leitores e Amigos, especialmente aos que nos últimos meses colaboraram nas iniciativas que a Obra da Rua em Portugal foi tomando para angariar meios para trabalhos a efectuar na Casa do Gaiato de Maputo, como a conduta para abastecimento de água e outras iniciativas, queremos dar-lhes este especial conhecimento, esperando que no futuro haja possibilidade de concretizar o que até aqui não pudemos fazer. □



MALANJE

Padre Rafael

As árvores vestem-se de flores: as sopolodias, de laranja; os jacarandás, de violeta; as acácias, de amarelo ou vermelho... um tapete verde cobre a terra ressequida pelo Inverno. Os dias são maiores e as andorinhas já construíram os seus ninhos — são elas que nos anunciam a chegada de um novo amanhecer. O pequeno lago prepara-se para dormir em cada manhã e os seus habitantes, rãs, sapos..., guardam silêncio. Durante a noite, apenas duas pessoas podem manter uma conversa; quando começa o dia, a paz vai conquistando cada recanto. Uma história pode descrever-nos um espaço desconhecido; uma palavra, um mundo com sentido. Com uma palavra acariciamos, beijamos e abraçamos... com outra, ferimos negamos ou batemos no interior daqueles que um dia a experimentaram com todos os sentidos.

O Natal, na Casa do Gaiato de Malanje, é parar por um instante e deixar que a mãe Natureza entre pelos poros da pele e nos diga, nos olhe, nos abraça,

nos saboreie, nos escute... nos ame... O Natal faz-nos renascer desde o mais profundo, desde o Único que permanece depois das secas, a dor e a morte.

As pessoas preparam o Natal e se desejam um Feliz Novo ano... muitos não querem ouvir falar. O Criador há muitos, muitos, muitos anos nos mostrou que uma Palavra se faz realidade quando alguém a faz acontecer, mesmo que seja no lugar mais pequeno do mundo. Uma palavra nasce quando alguém a acolhe no mais profundo de si mesmo. A palavra por excelência é Amor... ninguém pode guardá-la ou encerrá-la — só receber e dar...

O Advento chegou e está em marcha. Assim sucederá com o Natal — não se trata de ver a vida a passar, mas sim de aceitar bem que a nossa também é. Não pensemos no que nos falta ou os que nos faltam, apenas desfrutemos este, passeio que é único, e aqueles com quem nos encontramos.

Feliz Ano de 2019. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

O Natal deveria ser, como os pobres precisam, uma abundância de Amor! Semelhante ao de Deus, que derramou sobre os homens uma prova inultrapassável, dando-lhes o Seu Filho e, por Ele, fazendo de nós seus familiares — *Seu Unigénito* — nunca, nem ninguém, alguma vez deu semelhante Dom.

Os homens, nem de longe, pressentem esta fartura de amor, apenas os mais carentes, os mais aflitos que demandam à nossa porta, à espera de um sinal dessa abundância.

Assim, uma viúva nova que

ficou com as dívidas do marido, sem conseguir pagar aos credores e ao Estado, veio pedir, com lágrimas e dor, uma ajuda para que a sua reforma não fique penhorada.

De casa paga 400 euros mensais e as dívidas do falecido esposo comem, em juros, muito acima desse valor. Os filhos, com ordenados mínimos, cada um com duas crianças, a viverem em casas arrendadas, não conseguem ajudar a mãe.

O Estado não perdoa, as finanças caem-lhe em cima e arrestam um terço da sua reforma, deixan-

do-a à míngua, o que ela deseja evitar.

Há quatro meses que não paga ao senhorio e, agora resolveu alugar um anexo. Mas onde está o anexo?

— Já o alugou?

— Não senhor.

— Sabe onde o encontra?

— Também não.

— Oh!, senhora, deixe-se estar na sua casa, porque, presentemente, nem por esse preço encontra um anexo e o seu senhorio alugará a casa quase pelo dobro do dinheiro.

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

Nuno Machado

FUTEBOL — Mais uma vez a nossa equipa de Futsal jogou, desta vez contra o Fonte Arcada, e tivemos uma vitória por 12 – 1. Os golos foram marcados pelo Fadul – 5, Joel – 3, Ratzinquer – 1, Quintino – 1, Manelinho – 1 e Nuno – 1. A nossa equipa de Futebol de 11, jogou contra o Figueira e tivemos mais uma derrota, por 2 -1. O Joanelinha marcou pela nossa equipa. Jogaram bem mas não ganharam.

VACARIA — Para a nossa vacaria, o Mendão fez um novo portão,

e o «Guga» esteve a ajudar. Recebemos fardos de palha da nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo para o nosso gado, o que agradecemos. Os nossos bezerros estão crescidos e bonitos. As nossas vacas continuam a dar-nos leite para o nosso pequeno-almoço e, quando é muito, fica também para o lanche.

JARDINS — Os nossos jardins estão a ser renovados e limpos, pelos nossos Rapazes. São os jardins da tipografia e da casa 1. Quando tudo está limpo e aparado, fica mais

bonito. O Paulo «Mudo» é aquele que mais gosta de ter os jardins arranjados. Está sempre a pedir mais plantas novas para os nossos jardins.

CARPINTARIA — O sr. Faustino esteve a tirar as portas velhas que tínhamos nos anexos da casa-mãe, e fez portas novas para as substituir. Foi um trabalho demorado, mas que ficou bonito. Também esteve a fazer vitrines novas para o nosso Memorial / Museu Padre Américo — Obra da Rua, situado no edifício das nossas antigas Escolas. □

MIRANDA DO CORVO

Rapazes de Miranda

NATAL E ANO NOVO — As aulas do 1.º período terminaram a 14 de Dezembro e ocupámos as férias de Natal com várias actividades próprias duma Casa fundada pelo nosso Padre — Pai Américo, conforme desejou. Desta vez, referimos especialmente a parte espiritual referente aos dias do tempo de Natal. Assim, a 17 de Dezembro, fomos aos nossos montes buscar musgo e depois fizemos o nosso lindo presépio, no átrio por baixo do nosso refeitório, de forma a mostrar montes e campos e um rio, no qual colocámos muitas imagens, como pastores e ovelhinhas, e especialmente a Sagrada Família — o Menino Jesus, Nossa Senhora e S. José, do qual nós gostamos e também os visitantes amigos.

A 20 de Dezembro, quinta-feira, uma boa parte dos Rapazes deslocou-se ao Santuário de Fátima, de manhã, com o nosso Padre Manuel e dois professores, para nos confessarmos, na Capela da Reconciliação, pois bem precisamos da graça de Deus! Aproveitámos, ainda, para visitar uma exposição comemora-

tiva do centenário da *Capelinha das Aparições* — *Capela Múndi*. Depois, comemos uma *bucha* que levámos; e regressámos assim melhor à nossa Casa, desejosos do dia de Natal! Desde esse dia até 23 de Dezembro, dois Rapazes (A. Francisco e Arménio) participaram no *Convívio Fraternal* n.º 1367, no Seminário Maior de Coimbra, do qual gostaram muito.

Na tarde de 24 de Dezembro, a senhora D. Nazaré alindou as nossas mesas do refeitório, com toalhas próprias e louça especial. Acendeu-se a *salamandra* e rezou-se o Terço pelas 19:30h, a que se seguiu a nossa saborosa consoada, com batatas, bacalhau (oferecido) e couves e azeite nossos, o gostoso arroz-doce e bolo-rei. Depois, às 23:00 horas, no nosso salão, participámos na Missa da noite de Natal, com amigos, e foi beijado o Norberto, com cânticos ao Menino Jesus — o Menino Deus! No dia 25, terça-feira, pelas 10:00 horas, participámos também na Missa do dia de Natal do Senhor, e a seguir recebemos as nossas prendas, ficando ainda mais contentes!

Vários rapazes, cujos familiares não puderam recebê-los nesta quadra natalícia, foram a Fátima passar o dia 27 de Dezembro, aproveitando a ida a um encontro de Curso do nosso Padre Manuel, nos Padres Carmelitas. Merendaram nas amigas Irmãs Concepcionistas, participaram na Eucaristia (17:00 horas) e no Terço (18:30 horas) na Capelinha das Aparições.

No dia 30 de Dezembro, Domingo, às 10:00 horas, participámos na Missa da Sagrada Família. Na noite do dia 31 de Dezembro, com a nossa sala de jantar quentinha, rezámos o Terço a Nossa Senhora, como habitualmente, dizendo o Marcelino os Mistérios. Depois, foi a nossa ceia, em *família*, com a mesma ementa da consoada. No dia 1 de Janeiro de 2019, participámos na Missa da Solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus!

Aos nossos amigos e amigas, nesta coluna, agradecemos muito as vossas ajudas e desejamos os melhores votos de bom ano novo, com muita paz, saúde e alegria para todos! □

BEIRE — Saber cuidar das “coisas da Casa”...

Um admirador

COM+versar e/ou des+COM+versar?!... Desço do *Calvário* a caminho da *Casa dos Rapazes*. Já no ‘portão de baixo’, esbarro com o *Jorge do campo*. Está ali *em missão* para facilitar a vida à *Fatinha* (senhora da rouparia e afins), na hora da sua saída. — *É para ela não ter de ir lá cima para aquela volta toda* —, explica. Chova ou faça sol, o Jorge cumpre religiosa e alegremente aquela missão que a si mesmo se impôs. Sem que ninguém o mande ou o impeça. Aqui em casa ele era *rei e senhor*. Como qualquer de nós em nossa casa. Ele é mesmo assim — uma transparente *alegria de se sentir útil*.

É um dos mais velhos desta *Casa dos Rapazes*. Está já a bater os sessenta anos. Um *castiço*. E um *doce* dos nossos... Verdadeiro *ex-libris* deste tipo de pessoas que temos por missão acolher nesta nossa Casa. Tão original e, por isso, tão incompreendida. Porque *é muito fácil falar do que se não entende*, ouço eu numa velha gravação de Pai Américo. Tão verdade isto! *É muito fácil falar...* O curioso

é que o Jorge tem tanto de trabalhador e *bom rapaz* como de *chato com’à potassa...* No bom humor de P.º Baptista, para nós, o Jorge é *a sexta chaga de cristo* (...). Amenizada por aquele seu olhar, de um azul claro, sempre calmo e sorridente. Do mais puro que há no mundo. E por uma humildade que entenece a todos, acabando sempre por aceitar com um sorriso os não que tantas vezes temos que lhe dar... — *Então, não pode ser. Está bem. Mas até pode ser que para outra vez, já possa...* — E lá vai ele à sua vida, sempre sereno e sem pressas. Como o Nána, também ele *é bom para ir buscar a morte*, dizemos nós...

Como lhe é habitual, se se cruza com um olhar, um sorriso ou algo que possa interpretar como uma ‘porta aberta’ para aproximar-se, logo ele começa uma ‘conversa’ que nunca mais acaba. Foi o que aconteceu naquele dia. Porque (num processo *inconsciente* que é peculiar desta gente), para ele o ‘outro’ é sobretudo uma oportunidade que a vida lhe dá para matar a sua insaciável fome de com+*tacto*... Por isso, quando

apanha uma oportunidade, logo sai um infundável contar-se a si próprio em histórias, fantasias e supostos saberes com que preenche a sua solidão. Sempre que posso, lá lhe dou uma oportunidade. Não só para fazer os meus *exercícios de paciência*, que aqui tanta falta me faz, como para ruminar o funcionamento de uma mente deste tipo. São “pessoas com deficiência” mas que, mesmo sofrendo do que sofrem, sempre deixam soltar imensos *flashs* que demonstram que, realmente, “a alma é sempre perfeita”. Porque essa é a nossa *ponte* entre esta *amarração* ao *imane*nte e esta nossa fome de um *transcendente* que nos sacie de *Razões de Viver*, mesmo que a morte já ande a rondar a nossa porta...

— *Não é justo, enganaram o nosso Jorge...* Entre os *seis* que, naquele desumano *seis* de Dezembro, nos foram *levados*, o Jorge também lá foi na *onda de promessas*. (Ver O GAIATO, n.º 1951, de 22-12-2018. Aí, P.º Júlio conta a “insensatez dessa actuação”...). É que, obedecendo

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

OBRAS EM CASAS DO PATRIMÓNIO DOS POBRES, UM FRIGORÍFICO E UMA CAMA ARTICULADA — Como os leitores que nos acompanham sabem, na nossa Paróquia, embora as casas do Património dos Pobres sejam, e muito bem, propriedade da Comissão Fabriqueira, desde há muitos anos a prática tem sido das respectivas obras de manutenção e melhoria estarem a cargo da Conferência Vicentina. Neste momento estamos com obras em curso em duas casas e vamos iniciar obras de vulto numa terceira. Nesta aqui vai ser preciso mudar todo o telhado, não só as telhas que estão deterioradas, mas também a própria estrutura. Numa ampliação que se fez nesta casa já lá vai muito tempo, a estrutura do telhado nunca ficou como devia ser, causando infiltrações de água da chuva. Este problema só poderá ficar bem resolvido com alterações grandes nessa estrutura. Para além do telhado, também quase todas as portas e janelas exteriores vão ter que ser substituídas por novas. Quem mora nesta casa é pessoa que tem zelado bem por ela e é merecedora de lá continuar, com o devido conforto, enquanto for viva. A família que ainda tem vai colaborar nas despesas.

Continuando a falar de bens a cargo da nossa Conferência, para serviço das pessoas que acompanhamos, queríamos deixar aqui publicamente dois agradecimentos. Um agradecimento é para o amigo e leitor do nosso jornal que nos doou um bom frigorífico que irá fazer muito jeito para cuidarmos melhor da guarda dos géneros que conseguimos para distribuir pelas famílias que acompanhamos.

Outro agradecimento é para a Casa do Gaiato que deixou ficar à nossa guarda uma cama articulada que tinha emprestada a uma pessoa da nossa Paróquia que faleceu.

Como esta é a nossa primeira crónica de 2019, ficam aqui os nossos votos de um Bom Ano para todos os nossos leitores e família. □

ESTADO

Padre Lacerda

«UMA autêntica democracia só é possível num estado de direito e sobre a base de uma recta concepção da pessoa humana, da sua dignidade e dos seus direitos» — Encíclica *Centesimus Annus*, João Paulo II.

Recentemente, tem-se assistido a um vasto alargamento da intervenção estatal, o que faz surgir um novo tipo de estado, o “estado do bem-estar”, que tem sofrido grandes críticas que o nomeiam como “estado assistencial”.

Verdadeiramente tem havido uma inadequada compreensão das tarefas do estado como lapso do princípio da subsidiariedade. Além da família, também outras instituições intermédias desenvolvem funções primárias e constroem específicas redes de caridade e de formação humano-cristã. Dentre essas instituições é notório destacar o nosso “estado” de amor e respeito à vida humana: Casa do Gaiato! □

a uma “ordem superior” de que “não se vai levar ninguém contra vontade”, a actuação que se seguiu veio dar razão aos velhos ditados da sabedoria popular: — *Com papas e bolos se enganam os tolos... O cão e o menino vão para onde lhes vai o mimo...*

Quando se começou a falar de que a Segurança Social poderia vir buscar os rapazes, o Jorge sempre dizia: — *Se me levassem prò pé da minha mãe, eu até ia...* Meu dito, meu feito. Ele perguntou se, disseram-lhe que sim, e ele foi. Todo contente. Esperançado. Com a sua bicicleta e tudo. Uma bicicleta que P.º Baptista lhe tinha oferecido pelo Natal, há uns anos atrás. Levou a bicicleta para, se calhar, a partir *d’ó pé* da mãe, poder vir visitar esta *sua Casa* onde sempre viveu desde pequenito...

Era o nosso “coveiro”. Não ficava mal ao pé de qualquer outro profissional das nossas freguesias à volta. Desde que o acompanhássemos até criar uma rotina, depois aquilo era certi-

nho como um relógio. Gosto de magicar este fenómeno humano que aqui é mais que visível e bem palpável — o homem é (*também é*, entenda-se!...) *um animal de hábitos...*

Que força a de um Amor de Mãe!... Olho a história do Jorge. Rumino este pormenor do seu registo de entrada: “A mãe é anormal. Está internada no asilo de... O menino vivia com a avó, num barraco em..., mas sendo esta tuberculosa e extremamente pobre. *** Frequentou a escola primária durante quatro anos sem aproveitamento”.

Rumino. Com a história que tem, com as deficiências de que sofre, nada o impediu de vir a ser “um português de lei”. Esse que sempre *trabalha para merecer o que come. Ser um português de lei!* — era o que Pai Américo sonhava para os seus rapazes que retirava das *doenças da rua...* Para se curarem em contacto com



Do Padre Jacinto de Sousa Borba

NOS vários dinamismos da pessoa humana (familiar, escolar, social, vocacional e eclesial...), o acompanhamento próximo das crianças, dos adolescentes e jovens reveste-se de grande importância para a descoberta das escolhas da sua vida, nomeadamente da vontade de Deus para a felicidade pessoal, no mundo e na Igreja. Isto supõe a construção de uma personalidade seriamente estruturada, em que haja uma verdadeira educação, que deve manter um equilíbrio entre as três linguagens humanas: a da mente, a do coração e a das mãos, conforme afirmou o Papa Francisco numa conversa sob o título *A força da vocação* [2018].

Para além do problema da indisciplina nas escolas, num estudo recente, em que foram inquiridos 6997 alunos, do 6.º ao 10.º ano, nota-se que 29,6% dos jovens não gosta da escola e que 84,9% diz que a matéria escolar é aborrecida. Sendo de considerar o positivo aumento da escolaridade, é de lamentar a destruição do ensino técnico e faz sentido questionarmo-nos sobre alguns cenários da instrução actual: vai-se orientando por caminhos seguros e de futuro, de orientação pessoal correspondida e de preparação para a vida adulta, num contexto cultural de mudanças aceleradas, em que os mais novos estão demasiado conectados? Há respeito pela matriz cristã da nação portuguesa, em especial a defesa e promoção da vida humana?

Esta breve reflexão ocorreu-nos por estes dias de frio de rachar, com o sol matinal claríssimo iluminando os vales da serra da Lousã e à vista de grandes camadas de geada em campos de sementeira e olivais e telhados do burgo, desesperando sem comboios há uma década. Recomeçaram, assim, as actividades escolares obrigatórias e necessárias, em novo ano [de paz?...], no qual se celebram 90 anos da ordenação presbiteral [a 28-VII-1929, em Coimbra] de *Padre Américo!* Por isso, também, *vida nova*, rapazes...? Nossa intenção será, entretanto, esboçar uma simples

a Mãe Natureza e no **COM**+vívio dos irmãos que também andavam abandonados à mesma sorte... O campo e as hortas eram o seu mundo. Mai-la sua especialidade de “coveiro”. Com *carreta* e tudo, à maneira de antes... Porque, desde que entrasse numa rotina, aquilo funcionava perfeitamente. Dentro das suas deficiências, o Jorge era perfeito. Ainda que aqui seja **PROIBIDA A ENTRADA A PESSOAS PERFEITAS**... Essas só nos criam problemas, deixando as soluções para as “pessoas imperfeitas” que aqui dão o corpo ao manifesto... □

nota biográfica sobre uma figura eclesial interessante e importante na Igreja em Portugal, da Congregação da Missão, próximo de Américo Monteiro de Aguiar — o Padre Jacinto de Sousa Borba [1854-1945], pois acompanhou-o no Colégio de Santa Quitéria, em Felgueiras. Aí foi recebido em Outubro de 1899, depois de se habilitar com o 2.º grau [4.ª classe], no Colégio de Nossa Senhora do Carmo, em Penafiel.

A propósito desse *santo de Lisboa — o Padre Sousa*, também dizemos que, às vezes, por *caminhos* ditos *tortos* [?] Deus *escreve direito*. Parece-nos que isto aconteceu mesmo no itinerário vocacional juvenil de Américo Monteiro de Aguiar, desde Galegos a Moçambique... Tendo confiado à sua Mãe Teresa, em pequeno [por alturas da Primeira Comunhão — 1899?], o seu *desejo* de ser padre, essa *inclinação* é testemunhada por um escrito credível da sua *mãezinha*, em 1 de Junho de 1902, tendo ele 14 anos — uma cartinha para o filho mais velho, Padre José, em Cochim, em que afirma: *peço-te que me dês andamento a este embaraço em que eu me vejo com este rapaz, ele tem muita vontade de ser padre, vamos a ver se agora o podemos apanhar*. Contudo, foi perseguindo a sua *estrela* por *outros caminhos*, como os Magos, no *Caminho da Luz*, conforme os desígnios do Bom Pastor, pois teve de ser obediente à vontade de seu pai Ramiro de Aguiar.

Em 2 de Janeiro, estávamos nós no rebuliço da estação de Sete Rios, na *operação ano novo*, a procurar encaminhar parte da rapaziada, de regresso ao ninho, para a labuta, quando entre centenas de alfarrábios estava quedo e escondido, mas à nossa espera, um precioso volume encadernado, perdido entre milhares: o *Mensagem de S. Vicente de Paulo* [1945]. Não é que o Padre Jacinto de Sousa Borba fazia, no dia seguinte, 74 anos de *regresso à eterna Pátria*, na Residência dos Padres Lazaristas! Nessas revistas preciosas, vêm ricas e belas notas biográficas do *Padre Sousa* e de outro *santo e sábio* vicentino — o *Padre Barros Gomes*, figura cimeira da silvicultura nacional [do pinhal de Leiria...], barbaramente assassinado nos tumultos revolucionários de Outubro de 1910...

Deixando estes considerandos, ainda vamos a tempo de dar início ao esboço apalavrado e ir partilhando algumas informações para um retrato ligeiro do Padre Sousa Borba, ilustre *filho de S. Vicente de Paulo*, cujo percurso de vida vale bem a pena conhecer, pelos seus contratempos, gigantismo eclesial e proximidade com o *Ameriquinho do Bairro*. Seguimos, pois, de perto e já sem ervas no caminho deste *amigo de Deus*, as ditas *Notas biográfi-*

cas, que finalmente encontramos, ocasionalmente [?!]. Não assinadas, essas notas têm a marca (salvo erro) do grande historiador da Província Portuguesa da Congregação da Missão — o Padre Bráulio de Sousa Guimarães.

Assim, no Verão de 1854, nos Açores, *Jacinto de Sousa Borba* viu a luz do dia: era 1 de Julho e nasceu na freguesia de S. Miguel das Lages, na ilha Terceira. Entretanto, ainda de colo, foi levado para o Brasil pelos seus pais, Manuel de Sousa e Maria do Rosário, como tantos açoreanos e demais portugueses, nesse e noutros tempos, tentando fortuna (na *árvore das patacas*) em *terras de além-mar*. A propósito, também Zeferino de Aguiar [n. 23-VI-1886; f. Rio de Janeiro, 27-VII-1938.], irmão de Américo de Aguiar, seguiu essa rota do *cruzeiro do sul*. Acontece que vieram a morrer, pouco tempo depois, vítimas das febres tropicais: primeiro seu pai e depois sua mãe, dois meses depois, ficando assim órfão o pequenino Jacinto, com dois anos. Foi, assim, entregue aos cuidados maternos das Irmãs de S. Vicente de Paulo, na Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro, onde seus pais expiraram. Nunca o Padre Sousa esqueceu essas boas Filhas da Caridade, que velaram pela sua saúde, formação piedosa e instrução, em especial a *Sóror Marie Blanche* — sua *saudosa segunda mãe*. Manifestando indícios de precoce inteligência, aos 5 anos já ajudava à Santa Missa; porém, uma vez, deu um trambolhão pelos degraus abaixo, com o *missal*... Ainda lhe aconteceu um desastre de certa gravidade, com fractura da cabeça, devido a uma pedra caída de um prédio em obras.

Depois, fez os seus estudos primários na Escola Apostólica dos Padres Lazaristas, no Caraça, em Minas Gerais, no Brasil. Mostrou grande propensão para a música, pelo que aprendeu a tocar harmónio e a cantar com voz grácil [de *rouxinol* — como dizia]. Nessa Escola, ficou dos 7 aos 14 anos; mas, foi obrigado a abandonar os estudos por falta de saúde. Então, regressou à Santa Casa da Misericórdia do Rio de Janeiro e aí aprendeu alguns ofícios: primeiro de ferreiro, que deixou por causa de uma doença de olhos contraída na forja; e depois o ofício de carpinteiro, onde ganhou jorna. Os seus superiores reconheceram os talentos musicais daquele rapaziño e em 1872 fizeram-no organista substituto do Seminário de S. José, no Rio de Janeiro, onde reencetou os estudos. Em 1873, deu entrada no Seminário Menor de Rio Comprido, do qual tomaram conta os Padres Lazaristas e como superior o Padre Saulo Delamasure, ficando como organista e professor.

Continua no próximo número

No nosso Natal

FOI intensamente vivida a quadra festiva nesta Casa. Ensaíamos duas peças de teatro, sendo uma delas um auto de Natal. No primeiro dia de férias, logo se queixaram os rapazes, que em vez de ensaiarmos, os mandara arrancar as ervas do couval.

— *Pois, manda-nos para as couves quando nos devia mandar para os ensaios.*

Eu ainda nem tinha escolhido o tema, nem as peças, quanto mais ensaiá-las. Esta gente, na sua adolescência, pensa que tudo é fácil, quando se trata dos meus deveres.

Apanhei dois que andavam mais arredios da minha pessoa e dei-lhes os papéis mais longos e mais difíceis, no intuito de os obrigar a um convívio mais próximo de mim, facto que resultou bem e nos encheu de alegria comum.

Fez de menino Jesus a mais pequenina filha da Janete e ela de nossa Senhora, acompanhada do Alberi que encarnou o papel de S. José, tanto no auto do Natal como na Missa do Galo.

Beijámos uma menina de carne viva, imagem do Deus nascido, e não uma figura de barro.

A ternura do Menino tornou-se mais intensa, e a mãe gozou com o beijo da assembleia à sua pequenina a dormir nos próprios braços!

Há anos que trazemos à nossa ceia de Natal uma família pobre e um dos seus filhos mais pequenos faz de menino Jesus. Assim o nosso Natal torna-se mais evangélico, confirmado pelo desejo do Papa Francisco.

Empresários

UMA associação de empresários do Distrito de Setúbal fez, na nossa sala de jantar, a sua reunião habitual.

Eram férias natalícias e, nesses dias, o sino para levantar da cama tocava às 8:00 horas da manhã, mas eles começaram a sua assembleia às 7:00 horas.

Quiseram, depois, tomar connosco o pequeno-almoço enriquecendo-o com pão quente, sanduiches de fiambre e muitos bolos.

Era seu desejo que os nossos rapazes participassem do colóquio e observassem como se ajudam, como lutam pelas suas empresas pesquisando os melhores e mais rentáveis métodos.

Os nossos rapazes mais velhos ainda não tinham terminado as aulas e outros foram para o trabalho logo de manhãzinha. Os mais jovens ainda não percebem, nem se deixam prender por assuntos desta natureza, mas ficou para todos a lição: Gente de trabalho, de organização e de esforço!

Amargura

PAI Américo, seduzido pelo Evangelho que ele apelidava de **único livro** a ser seguido pela sua experiência e amor aos pobres, criou uma *Obra de Rapazes, para Rapazes e pelos Rapazes*, de acordo com a natureza do homem iluminado pela Luz de Cristo, com a pedagogia mais avançada da época e sempre actual.

Este método foi objecto de várias teses de doutoramento, como os nossos amigos sabem através das publicações feitas.

Esta Obra só se levanta com o espírito de família e uma abnegação total de quem preside.

Pai Américo explicava isto de maneira simples: **comemos à mesa com os rapazes como os pais fazem com os filhos. Não temos casa, nem ordenado, nem família, nem amigos nem nada. Os rapazes são a nossa família.**

No fim da Conferência, um senhor de destaque na Igreja, atreveu-se a dizer que o método educativo do Padre Américo estava ultrapassado.

Perguntámos: — *O senhor conviveu tanto com as Casas do Gaiato e chegou a esta conclusão ou nunca conheceu nenhuma, senão aquela à qual chama Casa do Gaiato, porque lhe convém o nome, sem ela o ser?*

É de bom senso que a gente quando não conhece, confesse a sua ignorância e não se valha do poleiro para impor sabedoria. □



Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel.: 255 752 285 • Fax: 255 753 799
jornal.o.gaiato@obradarua.pt • geral@obradarua.pt facebook.com/Casa.do.Gaiato
www.obradarua.pt https://www.obradarua.pt/estatuto-editorial/
NIB: 0045 1342 40035524303 98
IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL
Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo
N.I.P.C. 500 788 898 • **N.º de Registo** 100398 • **Tiragem:** 20100
Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)
Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa
Redacção e Administração: Casa do Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa

BENGUELA

Padre Manuel António

Somos Casa de Família...

AS Festas do NATAL e do início do novo ano passaram e encheram de alegria os corações dos filhos da nossa Casa do Gaiato de Benguela. A participação activa dos nossos queridos amigos e benfeitores foi sublime. Foi, sem dúvida, uma manifestação sublime de Amor. Os corações de cada um devem ter um ponto de referência central. É o Amor. Um coração que não ame, dum modo especial, os mais necessitados, em comunhão com todos os outros irmãos, não é verdadeiramente humano. Por isso, cada um de nós deve fazer tudo o que puder para amar os seus filhos até ao dom da sua própria vida. Deste modo, os filhos mais abandonados entrarão também nos corações generosos para serem ajudados e salvos. Como temos referido, a nossa Casa do Gaiato continua a ser procurada para dar a salvação a muitos filhos perdidos. Continuamos, contudo, com muita Esperança. A vossa ajuda, na dimensão do Amor manifestado com testemunhos orais e financeiros, é um motivo para caminhar-mos em frente. Não será possível, doutro modo.

Um dos problemas que afligem muitos pais é a falta de emprego para os seus filhos. Vivemos a mesma verdade: a falta de emprego para os nossos filhos, na idade oportuna, constitui um dos obstáculos para o acolhimento de novos filhos abandonados. A Casa do Gaiato não pode nem deve, como uma família normal, mandar os filhos para a rua, por causa da idade, sem meios para a subsistência pessoal e familiar. Somos a Casa de Família dos filhos sem família. Por isso, uma ajuda de muito valor para a vida da nossa Casa do Gaiato está na possibilidade de emprego para os seus membros, no momento oportuno. Foi com muita alegria que um destes nossos filhos recebeu a notícia do emprego numa empresa de muito prestígio. Está, neste momento, a preparar os docu-

mentos necessários. Veio para a nossa Casa do Gaiato de Benguela, ainda criança. Fez a sua preparação escolar normal para todos os filhos. Os bons resultados, fruto da sua capacidade intelectual e aplicação no estudo, levaram-no à frequência do Curso Universitário. Batemos à porta da Universidade Lusíada que nos fez a oferta gratuita para a preparação escolar deste filho. Teve resultados maravilhosos. Agora, surge o emprego no banco KEVE, onde vai ocupar uma função especial. Que seria deste filho da rua, se a Casa do Gaiato não o acolhesse? O grande beneficiário é o próprio rapaz. Mas a sociedade recebe este benefício admirável. Há muitos outros exemplos. É, sem dúvida, um benefício de alcance social, todo o esforço para salvar estes filhos do abandono e da perdição. Oxalá estes exemplos sejam um estímulo para que o coração de cada um de nós se abra sempre à generosidade para com a nossa e vossa Casa do Gaiato de Benguela. A mesma empresa tem as portas abertas para outro filho Gaiato. É outro filho abandonado que mereceu o carinho doutra universidade e terminou o seu curso com êxito.



É também um fruto do vosso amor.

Na próxima semana, a partir dia 7 de Janeiro, um grupo dos filhos mais pequenos terá o seu período de férias na praia. Estamos, exactamente, no tempo de verão, neste litoral de Benguela. Aproveitamos a oferta gratuita das instalações, existentes na praia, dum grupo de Irmãs que nos possibilitam a estadia deste e mais grupos. É, sem dúvida, um período saudável que vai ser gozado por estes nossos filhos. O seu crescimento físico e humano, cheio de equilíbrio, recebe esta ajuda. Entretanto, estamos a preparar as matrículas para o novo ano lectivo de 2019.

Continuamos a preocupar-nos com a construção do muro para a protecção de parcelas importantes da nossa Casa do Gaiato de Benguela. A violação do referido espaço, por grande número de pessoas estranhas e suspeitas é muito preocupante. Há dias, estive connosco o Rebelo da firma Oliveira e Ligeiro, na companhia dum funcionário da respectiva empresa. Visitaram os locais em referência. Sem as ajudas financeiras para levar, por diante, este empreendimento, tão necessário para a segurança das Instalações ligadas à nossa Casa do Gaiato, não será possível darmos passos em frente. Como sempre, temos esperança. Recebei um beijinho dos filhos mais pequeninos e queridos da nossa e vossa Casa do Gaiato de Benguela. □

ERA O ANO I, N.º 24

Pai Américo

Este malcriado é o João Maria, que os leitores conhecem por causa da pimenta. Falava muito mal quando chegou. Em vez de pimenta na língua, deu-se-lhe o Tiroliro por companheiro, que fez melhor obra com menor dor. Esta sorte de crianças, ao invés do que ordinariamente se cuida, tem rasgos para o Bem, uma vez induzidos a isso, nos meios onde se encontram. O melhor educador, no meu parecer, não é de maneira nenhuma aquele que diz, mas sim aquele que faz. Ele deve ser o exemplar sincero do educando. É impossível que os rapazes não acabem por amar o Bem, à força de sentir e observar a rectidão dos actos de quem educa, a menos que se trate de imbecis.

Está provado, e é uma verdade eterna, que com os perversos nos pervertemos. E com os justos nos santificamos. É por isso mesmo que nas Casas do Gaiato não entra quem quer. Eu gosto muito de dizer aos nossos gaiatos, quando tenho de admoestar: — Olhai para nós! Fazei como nós! Toda a eficácia da emenda dos pequeninos, provém da verdade deste imperativo. Quanto melhores os que educam, tanto melhores os educandos.

Ai! que se nos estabelecimentos onde esta fauna vive, se lesse por estas cartilhas, quão felizes não seríamos todos!

Outra maneira certa e fácil de educar, é dar. Há muitos educadores que recebem. Não pode ser. Os livros, os tratados, as regras, os aparelhos; até a moral que se ensina, — tudo perde a sua virtude, se o homem que quer ser chamado mestre, não se der incondicionalmente e totalmente aos seus educandos.

Sem transfusão de sangue, não pode haver vida, na vida destes inditosos anémicos.

E aqui temos o sermão que me propus hoje fazer, a propósito do malcriado da Murtosa, o João Maria. Como ninguém mo encomendou, ninguém me deve nada. Tenho dito. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

Foram mil e quinhentos euros que lhe pus na mão, fazendo o exercício da Misericórdia Divina, que nos havia confiado.

Outra, muito doente dos olhos, comprou uma casa, vivendo nela com o filho que foi despedido do trabalho de uma empresa falida.

Com medo de perder a casa, pois o banco já ameaçara, pendurava-se em mim como um naufrago que no meio do mar se agarra a uma bóia. Dei-lhe 1742 euros com a garantia de que, com esta ajuda, não iria ficar sem a sua casinha.

— Já aluguei um quarto por 200 euros/mês e o meu filho vai trabalhar. — Que não perderia a casa.

O dinheiro dado ao *Património dos Pobres* com tanto amor e sacrifício não pode cair no saco do banqueiro, que já tem muito. Ou segura a casa, e eu pago-lhe a dívida, ou, se não a defende, não devo enriquecer o banco. Convenceu-me de que iria salvaguardar o seu tecto.

Mais outra: Àquela mulher de que falei, saída da cadeia, paguei três meses de caução e o primeiro. Como é difícil arranjar um tecto para morar, mais ainda quando não se tem qualquer valor nem contrato de trabalho. Hoje ninguém aluga sem garantia e quem nada possui, resta-lhe o abrigo da ponte. Aliviei-a com 1500 euros!

Oh mundo em que vivemos!?... Alguns com tanto e outros sem nada. Se a Misericórdia Divina se não revela, esta gente cai na lama.

Uma rapariguinha, com dois meninos, um muito novinho ainda no colo, pusera fora de casa o companheiro que a atraíçoa e não queria trabalhar, sentindo-se ameaçada pelo senhorio, veio também pedir socorro.

Como eu não conhecia de perto o caso, mandei-a ter com o Pároco, o qual, não a podendo ajudar, mandou-a para o *Património dos Pobres*. Dois meses 760 euros.

E mais, e mais, e muito mais. Quase todos os dias sou assediado por gente em grande aflição!

Casas, casas, casas. Não basta admitir estrangeiros, é urgente construir habitação para os nacionais, pois os donos delas, dada a procura, alteiam o seu valor, deixando os pobres na rua.

Está aberta a porta para novos bairros de lata, como já se verifica em várias cidades deste Distrito.

Cheio de tristeza amarga, constato que aqueles a quem a Constituição impôs o dever de construir habitações para as famílias sem recursos, se escusam, gastando o dinheiro de todos, sem qualquer escrúpulo.

Ouvi falar deste assunto apenas nas eleições para a Câmara de Lisboa e, agora, pela Presidente da de Almada. Deus queira que o problema seja visto a olhar para os mais pequeninos.

Sigo muito pouco a Comunicação Social, mas não me recorde que um problema desta grandeza fosse abordado pela proposta do Orçamento para o ano 2019.

Esta é uma questão candente para toda a sociedade portuguesa e basilar para destruímos a miséria material de tanta família que, em vez de declinar, se agrava mais aceleradamente.

Desgosta-me que tão poucas autoridades eclesásticas, nas suas mensagens e homilias natalícias, tenham calado o assunto, deixando a impressão, aos crentes e não crentes, que esta chaga não os atormenta ou que isto é somente uma questão do Governo e não de Evangelho. □

INQUIETAÇÕES

«É evidente que também senti a revolta pela actualização insensata em torno do Calvário. Mas pensando melhor, não é caso para desespero. Uma Obra suprema de caridade, como o Calvário, é Obra com o beneplácito de Deus, que a zelará...

Assinante 13601.»

«Lamento que mais uma vez haja quem não tenha percebido como é, e funciona, a Obra do Padre Américo, e vos tenha tratado como mais um calvário para defender pseudo-princípios, desconhecendo por inteiro o bem que, com a graça de Deus, continuais a fazer....

Assinante 14582.»

«Fiquei muito chocada com o que se tem passado no Calvário, é desumano, não se admite que lhes retirem pessoas que não querem sair dessa Casa onde são bem tratadas. e à força as levem. Concordo com as pessoas que têm manifestado o seu desacordo...

Assinante 9705.»

«Fica-se sem palavras perante aquilo que aconteceu no Calvário. Como podem acusar alguém como o Padre Baptista, que escreveu aquelas notícias deliciosas, cheias de ternura e amor pelos residentes naquela instituição. É uma situação revoltante.

Assinante 58098.»

«Tenho acompanhado, pel'O GAIATO, todas as vossas notícias acerca dos doentes do Calvário, e agora, também, da retirada dos rapazes; mas como é possível

irem buscar os que estão amparados, com tantos que há por aí, pelas cidades, a precisarem de ajuda, que muitas vezes lhes é negada? Na verdade, não dá para entender que se tenham atitudes destas...

Assinante 29623.»

«Tenho estado atenta aos últimos acontecimentos que se têm passado na vossa Obra (Calvário). No tempo em que recebiam os doentes vindos dos hospitais, porque não tinham família, nem o Estado queria saber, as assistentes sociais deviam andar muito atarefadas, não os iam lá buscar. Nesta fase, não devem ter que fazer. Viram-se para vós...

Assinante 80068.»

«Deus queira que consigam voltar à Casa as pessoas que daí foram tiradas. O carinho e amor com que são tratados, e o sentirem-se em família, fizeram milagres na recuperação dessas pessoas...

Assinante 31418.»

«Fica aqui, também, a minha solidariedade perante os recentes acontecimentos ocorridos na V/Casa do Calvário. É triste quando, no trabalho que nos é dado, perdemos a capacidade de olhar o que nos rodeia com os olhos do coração e vemos apenas através do vidro da aparência e da norma da lei. Os gestos e as palavras tornam-se estereis e as decisões feridas de desumanidade porque matam a convivência e a amizade construída na comunhão de vida.

Assinante 77986.»